

Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã, Sessão 3, Utilitarismo

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre ética cristã. Esta é a sessão 3, Utilitarismo.

Certo, então vamos começar nossa pesquisa sobre as principais teorias morais, e começaremos com o Utilitarismo.

Os dois filósofos mais proeminentes quando se trata da história do pensamento utilitarista são Jeremy Bentham e John Stuart Mill. Bentham foi realmente o fundador do pensamento utilitarista moderno, e John Stuart Mill, cujo pai era um bom amigo de Jeremy Bentham. É provavelmente Mill, o estudioso mais conhecido que defendeu o utilitarismo.

É uma teoria que remonta ao antigo filósofo Epicuro, que era um tipo de hedonista. Hedonismo é a visão de que o bem supremo para os seres humanos é o prazer e que devemos maximizar o prazer para nós mesmos e para os outros. A marca Utilitarista do hedonismo, que foi desenvolvida pela primeira vez por Bentham, afirma a alegação central de que a felicidade, a felicidade humana, é a vida mais prazerosa.

Então, Bentham, como Epicuro, pensou que a melhor abordagem à ética é reconhecer que o prazer é o padrão moral. Esse é um fato objetivo. Nós experimentamos coisas que são prazerosas e dolorosas.

Nós experimentamos uma gama completa de diferentes tipos de prazeres, assim como dores. Como isso é algo universalmente desejado, todos querem prazer e querem ter uma vida prazerosa, e isso parece ser um padrão promissor para a moralidade. E se todos visassem maximizar o prazer para o maior número de pessoas? Isso não levaria à vida mais feliz para a maioria das pessoas? Essa é a intuição básica do Utilitarismo.

O Utilitarismo Clássico, como é frequentemente chamado, ou Utilitarismo de Atos, aplica esse padrão a cada ato ou política individual que podemos considerar endossar ou perseguir. Então, essa é a alegação que Jeremy Bentham faz, que devemos avaliar cada ação de acordo com o que ele chama de princípio da utilidade, que ele diz ser o princípio que aprova ou desaprova cada ação de acordo com a tendência que ela parece ter de aumentar ou diminuir a felicidade. Então essa é uma ideia básica.

Um dos grandes pontos fortes da teoria utilitarista é que ela é fácil de entender. É uma teoria muito facilmente compreendida. Veremos algumas outras teorias, Kant,

ética da virtude, teoria do contrato social, lei natural e assim por diante, que podem ter alguns conceitos mais desafiadores.

Mas o que poderia ser mais simples do que isso? Agir de tal forma a promover prazer e felicidade, certo? Tentar evitar coisas que sejam dolorosas e tentar evitar causar dor a outras pessoas. Essa é uma ideia básica aqui. Agora, uma importante distinção do Utilitarismo de Bentham é que ele afirma consideração igual para todos.

Qualquer um, qualquer ser, não apenas seres humanos, mas qualquer ser senciente que pode sentir prazer e dor, precisa receber a devida consideração, certo? E o prazer ou a dor de nenhum ser humano é mais importante do que o de qualquer outro. Então, há um tipo de compromisso muito igualitário aqui. E isso é atraente para muitos de nós também.

Agora, o que distingue o utilitarismo de Bentham, digamos, do antigo hedonismo de Epicuro é que ele desenvolveu o que é chamado de cálculo prazer-dor. Agora, ele está vivendo em um período moderno, moderno inicial, onde a ciência está decolando, e os cientistas estão descobrindo a utilidade da matemática para entender nosso mundo, certo? Agora, Bentham decidiu que isso poderia ser muito útil quando se trata de pensar sobre ética. E vamos tornar isso o mais científico possível.

Então ele desenvolve o cálculo prazer-dor, que avalia o prazer ou a dor de cada ação de acordo com uma série de critérios. E há sete deles. Um deles é a intensidade, onde perguntamos quão forte é a sensação. Quão intensa é a dor ou o prazer? Duração: quanto tempo dura o prazer ou a dor? Certeza: quão provável é que a ação produza dor ou prazer? Proximidade é uma palavra que não ouvimos muito, mas isso tem a ver com quão próximo no tempo o prazer ou a dor seguirão.

Quão cedo isso vai acontecer? Fecundidade é outro termo incomum que tem a ver com se, neste caso, o prazer ou a dor levarão a outros tipos de prazeres ou dores ou se o ato em questão levará a outros tipos de prazeres e dores. Pureza, seja o prazer ou a dor, é misturada com a sensação oposta. Será principalmente prazeroso, mas também um pouco doloroso, ou vice-versa? Ou é inteiramente prazeroso ou inteiramente doloroso? Então, a extensão do problema tem a ver com o número de pessoas que serão afetadas.

Bentham pensou que você poderia basicamente atribuir valores numéricos, positivos ou negativos, a cada uma dessas categorias ao considerar se tomar um determinado curso de ação é correto. Suponha que eu precise de um livro para uma aula que vou fazer. Não posso pagar agora, então estou pensando em roubar o texto do meu vizinho.

É um texto de \$70 ou \$80. Seria algo apropriado a se fazer? Bem, para mim, vai causar um pouco de prazer. Espero que minha consciência esteja tão ruim que isso vá me incomodar severamente.

Isso é doloroso. Definitivamente vai causar dor para outra pessoa que vai durar um certo período de tempo. É certo que eles vão sentir essa dor imediatamente e então também, até certo ponto, de forma duradoura.

Mesmo que eles superem isso por vários dias, isso vai incomodá-los. Provavelmente levará a outras dores. Conforme outras pessoas descobrem que o livro daquela pessoa foi roubado, isso vai perturbá-los psicologicamente.

Até meu prazer será misturado, espero, novamente, se eu tiver consciência, com uma certa quantidade de dor, sabendo que isso incomodou muita gente. A extensão em que esse sétimo critério é aplicado é significativa. As pessoas descobrirão sobre isso.

Deve ficar claro que eu não deveria roubar o livro dessa pessoa. Isso vai causar muita dor, muito desconforto psicológico para muitas pessoas. Não vai me trazer muito prazer.

Eu provavelmente deveria comprar o livro ou pegá-lo emprestado, retirá-lo de uma biblioteca ou algo assim. Esse é um caso bem fácil, mas o mesmo cálculo de prazer-dor pode ser aplicado a questões morais muito mais desafiadoras. É aí que Bentham acha que esse é realmente o caminho mais promissor que temos para descobrir a verdade moral.

Novamente, voltamos à questão igualitária em termos da aplicabilidade da utilidade desse cálculo para medir prazeres e dores e determinar a felicidade geral. Podemos aplicar isso aos animais também, o que, na época de Bentham, não teria sido muito interessante ou de muita preocupação para muitas pessoas. Mas para nós hoje, reconhecemos que o bem-estar animal é uma coisa importante.

Qualquer um que tenha tido um animal de estimação sabe que um gato, um cachorro, uma cabra, uma galinha ou uma vaca sentem dor; eles sentem dor e prazer, e por isso merecem certa consideração. Agora, de um ponto de vista teológico cristão e de um ponto de vista bíblico, sabemos que somente os seres humanos são feitos à imagem de Deus. Então, o valor de um animal é muito menor do que o dos humanos, mas eles são valiosos mesmo assim, e sua dor e seu prazer importam.

Então, um dos ativos ou pontos fortes da teoria utilitarista é que ela tem um lugar para considerar os animais e sua dor e prazer e reconhecer que precisamos ter algum tipo de consideração moral por eles. Muitos apontam para Bentham como a origem

histórica do que chamamos de movimento pelos direitos dos animais ou movimento pelo bem-estar animal hoje. Falando em animais, uma das principais críticas à teoria utilitarista é que ela é uma doutrina digna de porcos.

Afirmar que os seres humanos não têm bem maior que o prazer nos coloca no mesmo nível de, digamos, um porco, certo, cujos prazeres na vida envolvem comer, acasalar e chafurdar na lama. O que é que os porcos acham prazeroso? Você sabe, são prazeres brutos como esse. Certamente, os seres humanos estão em um nível mais alto que os animais, e os filósofos geralmente reconhecem isso.

Mas identificar o bem humano como apenas uma questão de prazer, muitos argumentaram nos dias de Bentham e de Mill que isso realmente é humilhante para os seres humanos. Então John Stuart Mill, que foi o sucessor de Bentham como o principal proponente filosófico da teoria utilitarista, criticou ou respondeu a essa objeção dizendo que a crítica em si representa a natureza humana sob uma luz degradante porque supõe, como ele coloca, que os seres humanos não são capazes de prazeres exceto aqueles dos quais os porcos são capazes. Mas o fato é que os seres humanos têm prazeres mais elevados, prazeres qualitativamente superiores.

Por quê? Porque temos faculdades superiores. Temos habilidades cognitivas que os porcos não têm, que outros mamíferos não têm. Temos capacidades emocionais e capacidades relacionais que esses animais não têm.

E isso precisa ser construído de alguma forma nessa teoria. E então Mill defendeu o que desde então tem sido chamado de hedonismo qualitativo, que é um avanço na versão de Bentham da teoria. Temos esses outros tipos de prazeres, não apenas prazeres de sensação, mas também prazeres do intelecto e da emoção e imaginação e até prazeres morais.

Temos uma espécie de alegria e satisfação ao ver a justiça sendo feita. Nenhum cachorro passa por isso. Nenhum cachorro gosta de um jogo de xadrez.

Eu amo o jogo de xadrez. Gosto de certos outros jogos como Settlers of Catan ou jogar pôquer. Esses são prazeres intelectuais, o prazer intelectual de ler um livro e ver um bom filme.

Por mais inteligente que meu cachorro Austin seja, ele não consegue sentir o prazer do xadrez, de um jogo de tabuleiro ou de pôquer. Então, esses são prazeres mais elevados que os seres humanos têm do que os animais não têm. Isso levanta a questão de como você sabe quais prazeres são qualitativamente superiores a outros prazeres. O teste qualitativo de Mill aqui é que, como ele coloca, de dois prazeres, se houver um ao qual todos ou quase todos que têm experiência de ambos dão uma preferência decidida, independentemente de qualquer sentimento de obrigação moral de preferi-lo, esse é o prazer mais desejável.

Então, é assim que podemos decidir quais prazeres são melhores ou superiores aos outros. Se você me perguntar o que é um prazer superior, o prazer de ler um livro de Dostoiévski ou comer um prato de espaguete, tão bom quanto, digamos, o espaguete da minha esposa, não se compara ao prazer que tenho ao ler *Os Irmãos Karamazov*. É um prazer maior.

Ler poesia em vez de jogar videogame. Recebo muita resistência dos alunos sobre isso. Mas eu diria que o prazer maior, assumindo que a poesia seja excelente, a poesia de John Donne ou William Shakespeare, seria um prazer superior a qualquer prazer que você possa ter jogando, digamos, *Grand Theft Auto* ou algum videogame.

Então, pessoas que experimentaram ambos os tipos de prazeres consistentemente dariam essas respostas. Mill diz que é assim que você sabe quais prazeres são os melhores. Então, é por essa razão que Mill diz, como ele mesmo diz, que é melhor ser um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito.

É melhor ser Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito. E se o tolo ou o porco tem uma opinião diferente, é porque eles só conhecem o seu lado da questão. Há uma série de fatores em relação à experiência humana, como nosso intelecto e nossas emoções, e mesmo quando estamos nos sentindo mal, é um estado qualitativamente superior apenas porque temos essas capacidades superiores.

Agora, pode ser discutível ou até mesmo controverso em certos círculos fazer essa afirmação sobre a superioridade dos seres humanos. Essa era a visão de Mill. Mas seu ponto principal aqui é que há certos tipos de prazeres que são superiores apenas por causa de sua qualidade.

Agora, uma objeção que alguns fazem aqui é: e as pessoas que dizem não, obrigado, aos prazeres mais elevados e depois buscam prazeres mais baixos? O que você diz sobre as pessoas que passam o tempo todo jogando videogame e não leem livros? Elas nem estão interessadas em grandes filmes. Ou pessoas que apenas comem junk food e dizem não, obrigado, à boa culinária. Não estão interessadas.

Eu preferiria comer meu hambúrguer de fast-food e batatas fritas de novo. Há muitos exemplos de pessoas que preferem esses prazeres inferiores aos prazeres superiores. O que Mill tem a dizer sobre isso? Ele diz que isso demonstra uma certa enfermidade de caráter.

Uma perda da capacidade de desfrutar de prazeres mais elevados ou pelo menos uma perda da capacidade de apreciar os prazeres mais elevados pelo que eles são por causa de um vício em prazeres mais baixos. É possível ficar viciado em refrigerantes, fast food, batata frita, barras de chocolate, todos os tipos de alimentos açucarados. Às vezes, no supermercado, vejo pessoas comprando grandes

quantidades de Mountain Dew e todos os tipos de salgadinhos e bolinhas de queijo e outras coisas e dizem uau, elas realmente são viciadas nessa comida não saudável.

Mill diria que isso é uma enfermidade de caráter. É assim, essa é a natureza humana. Somos propensos a todos os tipos de vícios.

O problema está conosco nesse caso. Não é um problema com sua teoria ou sua visão. Na verdade, prazeres mais elevados devem ser preferidos, e se preferirmos esses prazeres mais baixos, o problema está conosco, não com sua teoria.

Ele tem algumas coisas a dizer sobre uma vida satisfeita e o que significa ser uma pessoa verdadeiramente feliz. Os dois principais constituintes de uma vida satisfeita são excitação e tranquilidade. Uma vida feliz, uma vida equilibrada e feliz, será aquela que é caracterizada principalmente por tranquilidade, você sabe, paz e harmonia em nossas vidas com experiências ocasionais de excitação.

Você não quer muita excitação na sua vida. Seu sistema nervoso central não suporta isso. Você quer principalmente tranquilidade, dor mínima e, então, períodos de excitação.

As duas principais causas de uma vida insatisfeita, ele diz, são egoísmo e falta de cultivo mental. É uma análise interessante aí. O problema com pessoas que são insatisfeitas na maioria dos casos, ou em muitos casos, ele diria, é porque elas são egoístas.

Eles não estão atendendo às necessidades de outras pessoas tanto quanto deveriam, e não se desenvolveram cognitivamente. Eles não cultivaram suas mentes tanto quanto deveriam. Se você estiver fazendo ambas as coisas, certamente não ficará entediado, e encontrará satisfação em sua vida.

Ele diz que uma mente cultivada, uma mente ensinada a exercitar suas faculdades, encontra fontes de interesse inesgotável em tudo que a cerca. E isso não é verdade? Pessoas que são bem lidas e muito bem informadas sobre todos os tipos de tópicos encontrarão mais estímulo em suas vidas e experiências diárias do que pessoas que não são. Se você tem mais interesses, então é muito menos provável que fique entediado.

E isso faz com que você seja mais útil para outras pessoas. Ele diz que uma certa quantidade de cultura mental suficiente para uma contemplação significativa sobre o mundo deve ser a herança de todos os nascidos em um país civilizado. Então, ele enfatizaria muito a importância da educação para tornar as pessoas mais felizes e satisfeitas.

Ele acredita que a cultura mental é uma cura para os males sociais. Mill estava muito confiante, como muitos estudiosos estavam no período moderno, que eventualmente, poderíamos resolver o problema da pobreza. Podemos eliminar todas as doenças.

Esses são os dois principais problemas que ele enfrenta. Ele diz que a pobreza a ponto de sofrimento pode ser completamente extinta pela sabedoria da sociedade combinada com o bom senso e a providência dos indivíduos. Até mesmo a doença pode eventualmente ser conquistada através do avanço da medicina e da tecnologia científica.

É uma coisa interessante de se notar, dado que desde a época de Mill, parece que temos, bem, pelo menos identificamos, você sabe, centenas de doenças a mais do que eram conhecidas na época de Mill. Agora sabemos que, apenas por causa da maneira como os vírus funcionam e sofrem mutações, as infecções virais e as doenças virais se multiplicam de ano para ano. Então, eu me pergunto se Mill teria sido tão otimista sobre a possibilidade de eliminar todas as doenças se soubesse o que sabemos hoje sobre epidemiologia.

Então essa é basicamente a teoria utilitária como avançada por Bentham e Mill. Cada pessoa deve agir o tempo todo de forma a maximizar o prazer para todos que são afetados por suas ações. Essa é a ideia central aqui.

E se todos fizessem isso, então os seres humanos seriam tão felizes quanto podemos ser neste mundo. Esta continua sendo uma teoria moral filosófica altamente influente, talvez a mais popular. Então, quais são os problemas com esta teoria? Várias críticas importantes foram feitas contra o utilitarismo.

Um deles é o problema da aplicação. Como podemos saber com certeza quais serão as consequências de uma determinada ação? Se eu decidir realizar a ação, como ela afetará as pessoas? Até que ponto as pessoas sentirão prazer e/ou dor como resultado disso? O problema é que, como seres humanos, não somos oniscientes, certo? Não sabemos com certeza como as coisas vão acontecer. Mesmo em muitos casos, quando achamos que um resultado é razoavelmente previsível, acabamos errados.

Ah, eu não esperava isso. Se eu soubesse que isso ia acontecer, eu não teria feito isso. Quantas vezes já dissemos isso? Se eu soubesse.

Então, não só não podemos prever o futuro, como temos uma consciência muito limitada do presente e do passado. Mas o utilitarismo depende da nossa capacidade de julgar, a partir do que vivenciamos até agora, quais serão os resultados de uma determinada ação. Agora, Mill diz em resposta a isso que aprendemos o suficiente

com a experiência anterior que, na maior parte, podemos prever quais serão os resultados em relação a uma escolha específica.

Bem, isso pode ser verdade, mas, novamente, como todos nós já vivenciamos e por causa dos limites de nossa compreensão em relação a essa situação em particular em que estou, nossas habilidades de prognóstico são muito limitadas e falíveis. Então, olhar para o futuro ou para o futuro é muito difícil às vezes, particularmente quando se trata de questões controversas. Então esse é o problema com a aplicação.

Outro problema é o problema da justiça. Então, o utilitarismo depende de uma visão de futuro, e isso é difícil. É um problema de aplicação.

O problema da justiça ocorre porque o utilitarismo é apenas voltado para o futuro e, por ser apenas voltado para o futuro, é um tipo de teoria consequencialista. É uma teoria que julga o certo e o errado com base nas consequências das ações. Por ser apenas voltado para o futuro, na verdade enfrenta problemas de injustiça no sentido de que parece que pode permitir ações e políticas injustas que aparentemente podem ser justificadas, pelo menos em nível local, porque pode haver situações em que as injustiças produzem mais prazer do que dor.

Então, essa é uma crítica clássica da teoria utilitarista que poderia, em certas circunstâncias, justificar a escravidão. Então, quando estou ensinando sobre esse assunto em uma classe específica de, digamos, 30 alunos, às vezes pergunto se alguém está comemorando aniversário esta semana ou nas próximas duas semanas, e geralmente uma, talvez duas mãos se levantam. Em uma classe de 30, bom, duas mãos se levantam, e é Joe, e é Jane, e o que acabei de fazer para fazê-los levantar as mãos é que selecionei nossos escravos de uma forma bem aleatória.

Quando seus aniversários são tão aleatórios quanto possível, e eles vão ser nossos escravos nesta comunidade de 30 pessoas, e eles vão fazer toda a comida, eles vão lavar toda a roupa, eles vão garantir que nossos carros estejam funcionando corretamente, você sabe, garantir que o óleo seja trocado em cada um dos nossos carros, eles vão cuidar de vários problemas em nosso complexo em termos de troca de lâmpadas e assim por diante. É isso que eles vão fazer, 10 horas por dia, todos os dias, e nós os deixaremos relaxar nas tardes de domingo, digamos, do almoço ao jantar; esse será seu pequeno descanso do que de outra forma seria um trabalho constante. Mas nós vamos garantir que eles sejam alimentados adequadamente, que tenham quartos decentes para dormir, então não é como se eles estivessem com dor o dia todo, eles estão trabalhando duro, mas você sabe que o resto de nós está trabalhando duro, é só que eles são designados para trabalhar para nós.

Então, eles são nossos servos, e isso os torna escravos. Agora, isso produziria mais prazer do que dor nesta comunidade? Bem, muitos argumentariam que, na verdade, sim, porque se fizéssemos algum tipo de cálculo de prazer-dor, o valor geral do

prazer melhoraria para todos nós. Cara, se eu não tivesse que me preocupar com minha roupa para lavar, isso seria ótimo.

Não preciso me preocupar em fazer minha própria comida, isso seria ótimo. Considero isso uma escala de 1 a 10 mais 3, 4 ou 5. E se todas as outras pessoas, as outras 28 pessoas em nossa comunidade, fizerem o mesmo julgamento, você sabe, isso se multiplica muito favoravelmente para a escravidão nessa situação. Quanta dor isso está causando a esses dois escravos? Bem, ok, digamos que seja significativo, e que seja apenas esse trabalho diário e não ter que ter, você sabe, uma vida privada emocionante.

Acho que eles ainda poderiam sair à noite. Poderíamos dizer, sim, você pode ter uma vida social à noite depois de ter feito o jantar e lavado todos os nossos pratos. Então, eles entendem isso, e nós os tratamos gentilmente, certo? Novamente, eles estão vestidos, estão bem alimentados, adequadamente descansados, mas ainda assim será negativo.

Talvez seja, digamos que seja negativo 7, 8, 9, até 10 para cada um deles. Isso ainda vai ser mais do que compensado por todo o prazer que o resto de nós está experimentando. Então, por essa razão, o utilitarista poderia, de fato, os utilitaristas têm argumentado em defesa da escravidão ao longo dos anos.

Mas se você acredita que a escravidão é injusta, como espero que acredite, você reconhece que mesmo que mais prazer do que dor seja produzido aqui, ainda é problemático, certo? Porque as coisas podem ser injustas e uma violação dos direitos humanos, de modo que maximizar o prazer e minimizar a dor é irrelevante. Mas o utilitarismo é cego a isso porque é apenas sobre maximizar o prazer. Ele só se preocupa com as consequências.

Não se preocupa com justiça e direitos. Não há lugar nessa teoria para considerações de justiça e direitos. Esse é outro grande problema que foi destacado na teoria utilitarista.

O problema dos direitos, falando nisso, é bem ilustrado no cenário Peeping Tom. O utilitarismo não pode explicar adequadamente, digamos, o direito de privacidade que uma pessoa tem que é violado por alguém que a observa furtivamente, digamos, através de uma janela em seus momentos privados. Se Peeping Tom é muito hábil e consegue fazer isso sem que a pessoa saiba que está sendo vista, então Peeping Tom está tendo muito prazer, e a pessoa que está sendo vitimizada aqui não sabe disso.

Eles não estão sentindo nenhuma dor. Então, de um ponto de vista utilitário, parece que isso é defensável. Mas, esperançosamente, a maioria de nós diria que isso ainda está errado.

Embora as consequências sejam tais que a pessoa esteja experimentando mais prazer aqui, isso não é suficiente para superar o problema da violação de direitos envolvida aqui. Isso, novamente, mostra uma séria limitação do utilitarismo porque ele só presta atenção às consequências, prazeres e dores. Ele não dá a devida atenção à consideração de direitos aqui, assim como não dá atenção à justiça.

Então, finalmente, há o que é chamado de problema das demandas. Se é sempre nossa responsabilidade maximizar o prazer e minimizar a dor em todos os casos, então as demandas sobre nós como pessoas moralmente sérias se tornam esmagadoras. Isso significa que você e eu precisamos parar para ajudar cada pessoa que vemos na beira da estrada com problemas no carro.

Isso significa que você e eu precisamos usar apenas uma certa quantidade de roupas e outras propriedades que são necessárias para termos uma vida decente. Devemos dar o resto aos pobres. Precisamos dar qualquer renda disponível aos pobres.

Todo o nosso tempo livre em qualquer dia não deve ser gasto em lazer quando podemos maximizar o prazer e reduzir a dor de outras pessoas. Isso significa que não devemos nos treinar em um instrumento musical. Pense em todas as centenas, milhares de horas que são gastas por alguém que está se tornando classicamente treinado como pianista ou violoncelista que poderia ter sido gasto trabalhando em uma cozinha comunitária ou ajudando os pobres de alguma forma.

Torna-se irresponsável desenvolver um talento atlético sério ou um talento artístico. Isso é um problema para o utilitarismo porque a maioria de nós diria, esperançosamente, que é uma coisa moralmente apropriada treinar para ser um bom músico ou um bom atleta, mesmo que essas coisas não sejam essenciais para a vida e sobrevivência humanas. O utilitarismo pelo menos implica que essas coisas não seriam responsáveis porque não estão maximizando nossa capacidade de promover prazer e reduzir a dor.

Por ser tão irracional, isso foi identificado por muitos acadêmicos como um problema sério com o utilitarismo. O problema aqui, que é um tipo de dificuldade raiz, é que há algo que leva a essa implicação com o utilitarismo. Ele não distingue adequadamente entre atos obrigatórios e atos supererrogatórios.

Esta é uma distinção entre o que temos o dever de fazer e aquelas coisas, por outro lado, que são boas, mas não são obrigatórias. Elas estão acima e além do chamado do dever. É isso que são atos supererrogatórios.

Eles estão acima e além do chamado do dever. O utilitarismo não faz essa distinção adequadamente, e é isso que leva a esse problema de demandas. Então, esses são quatro grandes problemas com o utilitarismo clássico.

Outra versão do utilitarismo, conhecida como utilitarismo de regras, visa superar esses problemas e pode fazê-lo quando se trata do problema da aplicação, do problema da justiça e talvez do problema dos direitos. A abordagem que o utilitarismo de regras oferece é dizer que não devemos tomar nossas decisões morais focando em atos individuais. Digamos que não vamos avaliar atos individuais com o princípio da utilidade.

Em vez disso, vamos avaliar regras e regras gerais para viver e avaliar essas regras de acordo com se, se seguidas, elas levarão a mais prazer do que dor. Essa é a ideia utilitária de regras. Viva por essas regras que, se seguidas, resultariam no maior prazer para o maior número de pessoas.

Agora, essa é uma teoria que realmente tem sido defendida. Várias versões dessa teoria têm sido defendidas, muitas das quais se enquadram na categoria geral de ética do contrato social. E falaremos sobre a teoria do contrato social mais tarde.

O contratualista social diz que devemos organizar toda a sociedade de tal forma que haja certas regras básicas que todos devemos respeitar, e nós apenas selecionamos aquelas regras que, se seguidas, maximizarão o prazer na sociedade. Vivemos em tal sociedade. Temos um contrato social, e ele é chamado de Constituição dos EUA.

Temos uma Declaração de Direitos, e há todo tipo de regras lá que são explicitadas que nossos pais fundadores decidiram que se organizarmos nossa sociedade de acordo, isso nos dará nossa melhor chance de felicidade generalizada. Então, isso é uma espécie de aplicação do utilitarismo de regras. Mas há outras formas também.

Mas mais tarde, em uma palestra separada, falaremos sobre ética do contrato social. Mas isso é tudo para o utilitarismo.

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre ética cristã. Esta é a sessão 3, Utilitarismo.